Jonathan Swift

1721

VIAGENS
em várias
NAÇÕES REMOTAS DO MUNDO

por

LEMUEL GULLIVER

primeiro CIRURGIÃO, depois CAPITÃO de vários NAVIOS

VOL. II, PARTE III: UMA VIAGEM A LAPUTA, BALNIBARBI, LUGGNAGG, GLUBBDUBDRIB E JAPÃO

(trechos selecionados)

CAPÍTULO I

O autor começa sua terceira viagem. Sequestrado por piratas. A maldade de um holandês. Sua chegada à ilha. Admitido em Laputa.

[...] Fiquei pensando o quão impossível me seria sobreviver nesse lugar tão desolado, e o miserável fim que me esperava. Mas ainda estava tão exausto e desanimado que não me levantei de imediato; e quando por fim juntei ânimo para me arrastar para fora da gruta, o dia já estava bem adiantado. Perambulei por uns tempos entre as pedras; o céu estava perfeitamente claro, e o sol tão quente, que me vi obrigado a voltar-lhe as costas. Mas eis que de repente ele se eclipsou, com uma estranha rapidez. Voltei-me, e percebi um corpo vasto e opaco entre mim e o sol, avançando em direção à ilha. Parecia estar a umas duas milhas de altitude, e escondeu o Sol por seis ou sete minutos; mas não senti o ar ficar mais frio, ou o céu mais escuro, do que se eu estivesse à sombra de uma montanha.

Ao se aproximar do lugar onde eu estava, pareceu-me ser um corpo sólido, com seu fundo plano iluminado pelo reflexo do sol no mar abaixo. Eu estava a uns duzentos metros acima do nível da praia, e vi este objeto imenso pairar quase que na mesma altitude, a menos de uma milha de distância. Tirei minha luneta de bolso, e percebi claramente inúmeras pessoas subindo e descendo pelos seus lados inclinados; mas o que eles estavam fazendo, eu não pude perceber.

O amor natural pela vida deu-me uma certa alegria interior; e eu estava disposto a acreditar que este evento de uma forma ou de outra me resgataria da condição desesperado em que me encontrava. Ao mesmo tempo, o Leitor mal pode imaginar meu assombro ao ver uma ilha no ar, habitada por homens que (ao que parecia) eram capazes de fazê-la subir ou descer, ou deslocar-se, a seu bel-prazer. Mas, não estando no momento disposto a filosofar sobre o fenômeno, fiquei apenas tentando determinar o curso que a ilha tomaria; pois por um tempo ela pareceu ficar imóvel. Logo ela se aproximou mais, e pude ver melhor suas encostas, formadas por vários níveis de terraços, ligados por escadarias a intervalos regulares. No terraço mais baixo, vi algumas pessoas pescando com longas varas, e outros assistindo. Eu agitei meu boné e meu lenço, e quando a ilha voadora se aproximou mais, gritei e chamei com todos os meus pulmões; e por fim vi uma multidão se juntar na parte mais próxima. Percebi pelo seu gesticular, na minha direção e entre si, que eles me haviam descoberto, apesar de não responderem aos meus gritos. Mas pude ver quatro ou cinco pessoas subindo com grande pressa a escadaria até o topo da ilha, onde eles desapareceram. Adivinhei, corretamente, que essas pessoas haviam sido enviadas para receber ordens de alguma autoridade.

O número de pessoas foi aumentando, e a ilha manobrou até que o terraço mais baixo ficou a menos de cem metros de onde eu estava, na mesma altura. Coloquei-me nas posições mais suplicantes, e falei com o tom mais humilde que consegui, mas não recebi resposta. Os que estavam mais próximos, pelos seus trajes, pareceram-me ser pessoas de importância. Por fim um deles gritou alguma coisa em resposta, numa língua clara e suave, com som parecido ao do italiano; e portanto eu respondi nesta língua, na esperança de que pelo menos a cadência lhes fosse mais agradável.

Apesar de não entendermos as palavras um do outro, o sentido das minhas súplicas estava mais do que claro. Eles fizeram-me sinais para que eu descesse até a praia, e quando a ilha estava diretamente sobre mim, baixaram uma cadeirola pendurada numa corrente, na qual sentei; e fui então içado por um guindaste.

CAPÍTULO II

Descreve os humores e costumes dos laputianos. Um relatório da sua sabedoria. Sobre o Rei e a Corte. Como o autor foi ali recebido. Os medos e preocupações dos habitantes. Relato sobre as mulheres.

AO POR OS PÉS na ilha voadora, vi-me cercado por uma turba, sendo que as pessoas mais próximas tinham uma aparência de maior nobreza. Eles estavam claramente maravilhados com minha aparência, e eu com a deles: pois eu nunca tinha visto uma raça de mortais tão singular nos seus trajes, modos, e aparência. Eles tinham todos a cabeça inclinada, alguns para a esquerda, outros para a direita; um de seus olhos virado para dentro, e o outro diretamente para o céu. Suas roupas estavam todas decoradas com imagens de sóis, luas, e estrelas, misturadas com as de violinos, flautas, harpas, trombas, guitarras, harpicórdios, e muitos outros instrumentos de música, desconhecidos na Europa.

Observei aqui e ali vários com trajes de serviçais, cada um carregando uma bexiga inflada, amarrada na ponta de uma vareta e contendo (como soube depois) um punhado de ervilhas secas ou pedrinhas. Com estes implementos, os servos de vez em quando cutucavam as bocas e orelhas das pessoas próximas, uma prática cujo objetivo eu não conseguia atinar. Acontece que as mentes dessas pessoas são tão ocupadas em especulações intensas, que eles não conseguem nem falar, nem ouvir o que os outros falam, a menos que tenham sua atenção despertada por toques nos seus órgãos de fala e ouvido. É por essa razão que todo cidadão próspero mantém um chocalhador (*climenole* na língua local) entre seus serviçais domésticos, e não sai de casa sem sua companhia. Cabe a este empregado, quando duas ou mais pessoas estão conversando, cutucar gentilmente com seu chocalho a boca de quem deve falar em seguida, e a orelha daquele a quem a fala é dirigida. O chocalhador também acompanha seu patrão nos passeios, e quando necessário toca-lhe com a bexiga nos olhos: pois ele está sempre tão envolto em cogitações que corre perigo constante de cair em cada precipício ou bater a cara contra cada poste, ou derrubar outros transeuntes, ou ser derrubado por eles.

Devo contar isto desde já ao Leitor, para que ele não fique tão intrigado como eu fiquei com o comportamento dessas pessoas, ao me levarem escada acima para o palácio real. Enquanto subíamos, eles se esqueceram várias vezes do que estavam fazendo, e deixavam-me confuso num canto, até que suas memórias fossem despertadas novamente pelos chocalhadores; pois eles pareciam não prestar atenção nem nos meus atos, nem nos gritos da plebe que nos cercava (cujas mentes e pensamentos pareciam bem mais presentes que as de seus superiores).

Por fim entramos no palácio, e fomos até o salão de audiências; onde vi o Rei sentado no trono, ladeado de nobres. Em frente ao trono havia uma mesa cheia de globos e esferas, e instrumentos matemáticos de todo tipo. Sua Majestade não deu a mínima atenção à nossa presença, apesar de todo o barulho e confusão da multidão que entrou conosco e dos membros da corte. Mas é que ele estava profundamente absorto num Problema, e tivemos que esperar pelo menos uma hora até que ele conseguisse resolvê-lo. Um jovem pagem ao seu lado, ao ver que ele tinha terminado, tocou-lhe levemente na boca, e na orelha: ao que ele estremeceu como quem acorda de repente, e, olhando para mim e meus acompanhantes, lembrou-se da questão de minha chegada, que lhe tinha sido comunicada anteriormente. Ele disse alguma coisa, e imediatamente um dos pagens aproximou-se e cutucou-me a orelha. Fiz sinal que não precisava – o que, como vim a saber depois, deixou nos presentes uma péssima impressão quanto à minha inteligencia.

O Rei me fez várias perguntas, que eu tentei responder em todas as línguas que eu sabia. Quando ficou charo que eu não entendia nem conseguia me fazer entender, fui levado por suas ordens para um apartamento no palácio (pois este príncipe distinguia-se de seus antepassados pela sua hospitalidade), onde serviçais solícitos foram colocados à minha disposição. Trouxeram-me o jantar, e quatro oficiais da corte, dos que estavam mais próximos ao rei, deram-me a honra de sua companhia. Tivemos duas postas de mesa, cada uma com três pratos: no primeiro tivemos filé de carneiro, cortado como um triangulo equilátero; um bife romboidal; e um pudim em forma de ciclóide. Na segunda rodada tivemos dois gansos assados, prensados em forma de violinos; salsichas e pudins semelhantes a flautas e trompetes; e um peito de vitela em forma de harpa. Os serviçais cortaram nosso pão em cones, cilindros, paralelogramos, e outras figuras matemáticas.

[...] E assim, em poucos dias, ajudado pela minha fiel memória, consegui compreender razoavelmente sua língua. O nome da ilha é *Laputa*, que eu interpreto como ilha voadora ou flutuante, apesar de nunca ter conseguido descobrir sua verdadeira etimologia. [...]

Tendo reparado no péssimo estado de meus trajes, o Rei enviou um alfaiate aos meus aposentos, para tomar minhas medidas. Este artesão fez sua tarefa de uma maneira muito diferente da dos seus colegas europeus. Ele primeiro mediu minha altura com um quadrante, e então, com régua e compasso, determinou as dimensões e contornos de todo meu corpo, registradas num papel. Seis dias depois ele me trouxe as roupas – extremamente mal feitas e mal ajustadas, pois ele havia cometido um erro de um dígito nos cálculos. Mas esclareceram-me que tais acidentes são muito comuns, e por isso mesmo considerados sem importância.

[...] Na segunda manhã, por volta das onze horas, o Rei em pessoa, acompanhado de seus nobres, cortesãos e acompanhantes, tendo afinado seus instrumentos musicais, tocou durante três horas sem intervalo. Atordoado pelo barulho, fiquei sem entender nada, até que meu tutor veio em meu auxílio. Disse-me ele que os habitantes da ilha educaram seus ouvidos para ouvir a Música das Esferas; e assim, nos momentos apropriados, contribuem para ela, tocando os instrumentos que melhor dominam.

[...] O conhecimento que eu tinha de matemática foi-me de grande valia no aprendizado de sua língua, que dependia muito dessa ciência – bem como da música, arte em que eu não era de todo inepto. As idéias dessa gente são sempre relacionadas a curvas e figuras. Se eles querem, por exemplo, elogiar a beleza de uma mulher, ou de um animal, eles a descrevem por meio de losangos, círculos, paralelogramos, elipses, e outros termos geométricos; ou por palavras tiradas da arte da música. Na cozinha real observei toda espécie de instrumentos matemáticos e musicais, usados para cortar os pratos servidos à mesa do palácio.

Suas casas são muito mal feitas, sendo que as paredes nunca se juntam em ângulo reto, em nenhum apartamento. Este defeito decorre do pouco interesse que eles têm pela geometria aplicada, que eles desprezam por considerá-la vulgar e mecânica. As instruções que eles dão aos seus operários são sofisticadas demais para os intelectos destes, o que é causa perpétua de erros. Apesar de serem destros o bastante com régua e compasso nos confins de uma folha de papel, nas atividades corriqueiras da vida eu nunca vi um povo mais desajeitado, desastrado e inábil, nem tão lento e confuso de idéias em qualquer assunto exceto música e matemática.

Eles são péssimos em argumentação, e tendem a entrar em debates acalorados. [...] Porém, o que mais me admirou foi sua forte disposição para discutir notícias e política, perpetuamente indagando sobre temas políticos, proferindo opiniões sobre políticas do governo, e disputando veementemente cada centímetro da questão. Aliás eu observei esta mesma índole na maioria dos matemáticos que conheci na Europa, apesar de eu nunca ter conseguido descobrir qual a relação entre estas duas ciências. Talvez essas pessoas acreditem que, assim como um círculo pequeno tem tantos graus quanto um círculo grande, governar e gerenciar o mundo não exigem mais habilidades do que girar um mapa-múndi. Suponho que este fato decorre de uma fraqueza comum da natureza humana, que nos impele a sermos mais curiosos e convencidos sobre os assuntos que menos nos dizem respeito, e para os quais estamos menos equipados por estudo ou vocação.

Estas pessoas estão permanentemente inquietas, sem nunca gozar de um minuto de paz de espírito; e suas aflições procedem de causas que pouco incomodam mortais comuns. Suas preocupações começam com o temor de mudanças possíveis nos corpos celestes. Por exemplo: que a Terra, de tanto se aproximar do Sol, venha um dia a ser engolida por este. Que a superfície do Sol venha aos poucos a se cobrir de escórias, e deixe de dar sua luz ao mundo. Que a Terra, tendo por pouco escapado de um encontro com a cauda de um cometa que a teria inevitavelmente reduzida a cinzas, não consiga escapar do próximo, que eles calcularam para daqui a trinta anos, e com certeza nos destruirá a todos. Pois, caso no seu periélio ele chegue a uma certa distância do Sol (o que, pelos seus cálculos, eles têm razões para temer), ele produzirá um grau de calor dez mil vezes mais intenso que o de um ferro em brasa; e, ao afastar-se do Sol, arrastará atrás de si uma cauda flamejante com um milhão e catorze milhas de comprimento, que, caso a Terra a atravesse a menos de cem mil milhas de distância do núcleo, deverá incendiar este Planeta, e reduzi-lo a cinzas. Que o Sol, gastando todo dia seus raios sem que eles sejam alimentados, eventualmente será extinto e consumido; o que deverá acarretar a destruição da Terra, e de todos os planetas que dele recebem sua luz.

Eles estão sempre tão atormentados com estas preocupações, e outras do mesmo naipe, que ele não conseguem nem dormir tranquilos em seus leitos, nem apreciar os prazeres e diversões comuns da vida. Quando dois conhecidos se encontram pela manhã, a primeira pergunta é sobre a saúde do Sol; qual era sua aparência no ocaso e na alvorada, e quais as chances de evitarmos a cauda do cometa. Nestas conversas eles costumam se alongar com o mesmo espírito com que crianças trocam histórias terríveis de fantasmas e monstros, e, como eles, depois não conseguem dormir de medo.

As mulheres da ilha são muito vivazes: elas desprezam seus maridos, e são extremamente interessadas em estrangeiros. Destes há sempre um grande contingente na ilha, vindos da terra firme abaixo, para tratar de assuntos na Corte, quer representando vilas ou corporações, quer seus interesses particulares; mas eles são malvistos pelos residentes, por pretenderem ser os mesmos direitos. É entre estes estrangeiros que as damas escolhem seus amantes. Mas o vexame mesmo é que elas se comportam com toda a desenvoltura e segurança; pois o marido sempre está tão abstraído nas suas especulações, que a mulher e seu amante podem tomar as maiores liberdades, na sua frente mesmo; basta que ele esteja bem provido de papel e instrumentos — e sem o chocalhador ao seu lado.

As esposas e filhas lamentam estarem confinadas na ilha, apesar de que, na minha opinião, é o lugar mais delicioso do mundo; e apesar de viverem em grande luxo e abundância, e terem a liberdade de fazer o que bem querem, elas sonham em ver o mundo, e aproveitar as diversões da metrópole, o que elas não podem fazer sem permissão especial do Rei; que não é nada fácil de obter, pois as pessoas de classe da ilha aprenderam, após inúmeras experiências, como é difícil convencer as mulheres a voltar de lá de baixo. Contaram-me que uma grande dama da Corte, que tinha vários filhos, e é casada com o Primeiro Ministro, o homem mais rico do Reino, desceu em Lagado, com a desculpa de tratar de sua saúde; e ali se escondeu durante vários meses, até que o Rei emitiu um Mandado de Busca por ela; e ela foi encontrada numa taverna obscura, vestida de trapos, pois tinha vendido todas suas roupas para sustentar um soldado deformado, que a espancava todo dia, e de quem ela teve que ser separada à força. E apesar de seu marido a ter recebido com todo afeto possível, e sem a menor censura, ela logo conseguiu escapar de volta, levando todas as sua jóias, para o mesmo amante; e não se soube mais dela.

O Leitor pode estar pensando que esta é uma história mais européia, ou inglesa, do que de um país tão remoto. Mas peço-lhe que pondere que os caprichos femininos não são restritos a nenhum clima ou nação; e que eles são muito mais uniformes do que se poderia pensar.

Em coisa de um mês, eu já adquirira uma proficiência razoável na língua da terra, e, quando tive outra vez a honra de uma audiência com o Rei, consegui responder a todas as suas perguntas. Sua Majestade não demonstrou a menor curiosidade em conhecer as leis, governos, história, religião, ou costumes dos países por onde eu andara; mas limitou suas perguntas ao estado da matemática, e ouviu meu relato com visível desprezo e indiferença, apesar de frequentemente cutucado pelos chocalhadores a seu lado.

CAPÍTULO III

Um fenômeno explicado pela filosofia e astronomia modernas. Os grandes avanços dos laputianos. Como o Rei suprime insurreições.

PEDI LICENÇA ao Soberano para ver as curiosidades da ilha; que ele graciosamente me concedeu, e ordenou ao meu tutor que me acompanhasse. Eu principalmente queria conhecer os meios que, por artifício ou natureza, davam à ilha seu movimento; sobre os quais agora ofereço ao Leitor um tratado filosófico.

A ilha voadora ou flutuante é exatamente circular; seu diâmetro é 7837 jardas, ou aproximadamente quatro milhas e meia, e portanto contém dez mil acres. Sua espessura é trezentas jardas. Sua base ou superfície inferior, que é visível para os que estão embaixo, é uma placa lisa e uniforme de adamante, com quase duzentas jardas de espessura. Acima dela há vários minerais na ordem costumeira, cobertos com uma camada de solo fértil, de dez ou doze pés. A inclinação da superfície superior, da circunferência para o centro, faz com que a chuva que cai sobre a ilha seja conduzida em pequenos regatos até o centro, onde ela é recolhida em quatro grandes reservatórios, cada um com meia milha de perímetro, a duzentas jardas do centro. Destes tanques a água é evaporada durante o dia pela luz do sol, o que impede que eles transbordem. De qualquer forma, como o Monarca tem o poder de elevar a ilha acima da região de nuvens e vapores, ele pode interromper a queda de chuvas sempre que quiser. Pois as nuvens mais altas nunca sobem a mais de duas milhas de altitude, na opinião dos naturalistas, pelo menos não naquelas paragens.

No centro da ilha há uma grande abertura, pela qual os astrônomos descem até um grande salão abobadado (que é portanto chamado de *Flandona Gagnole*, ou Caverna dos Astrônomos), situado cerca de cem jardas abaixo da superfície do adamante. Nesta caverna há vinte lâmpadas, permanentemente acesas, que, refletidas no adamante, lançam luz brilhante em toda parte. Ali há também uma grande variedade de sextantes, quadrantes, telescópios, astrolábios, e outros instrumentos astronômicos.

Mas a maior curiosidade, da qual depende o destino da ilha, é uma pedra magnética de tamanho prodigioso, com a forma de um fuso de tear. Ela mede seis jardas de comprimento, e, na parte mais grossa, pelo menos três jardas de circunferência. Este magneto é sustentado por um eixo espesso de adamante que passa pelo seu centro, sobre o qual ele gira livremente, e está equilibrado com tanta precisão que um leve toque basta para movê-lo. O eixo está preso por um anel de adamante, com quatro pés de altura, outro tanto de espessura, e doze jardas de diâmetro, disposto horizontalmente, e sustentado por oito pedestais de adamante, cada um com seis jardas de altura. Na parte côncava do anel há um sulco, com doze polegadas de profundidade, no qual as extremidades do eixo estão encaixadas, e onde elas podem deslizar em toda a volta, conforme for necessário. O magneto não pode ser removido de seu lugar por qualquer força, pois o anel e seus suportes formam uma só peça com a placa de adamante que constitui a base da ilha.

Por meio deste magneto, pode-se fazer com que a ilha suba ou desça, ou se desloque de um lugar a outro. Pois, a respeito daquela parte da Terra onde o Monarca reina, a pedra tem numa das pontas o poder de atração, e, na outra, de repulsão. Colocando-se a pedra ereta, com a ponta atratora para baixo, a ilha desce; mas quando a extremidade repulsora aponta para baixo, a ilha se move diretamente para cima. Quando a posição do magneto é oblíqua, assim também é o movimento da ilha. Pois neste magneto as forças sempre agem em linhas paralelas à sua direção.

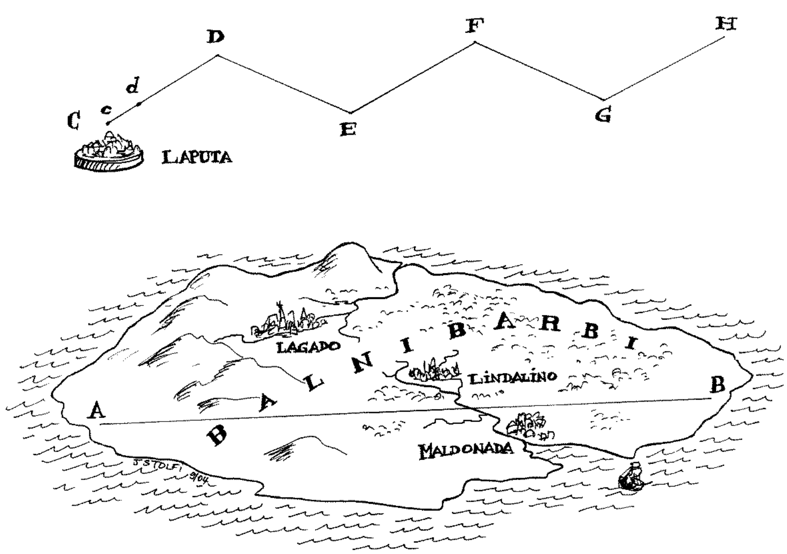

Figura IV.

É por meio deste movimento oblíquo que a ilha levada a partes diferentes do domínio do Monarca. Para explicar seu modo de progressão, representemos por $A\ B$ uma linha traçada através dos domínios de Balnibarbi; seja a linha $c\ d$ a representação do magneto, da qual d é o extremo repulsor, e c o atrator. Com a ilha sobre o ponto C, sendo a pedra posicionada na direção $c\ d$, com a ponta repulsora para baixo, a ilha subirá obliquamente na direção de D. Chegando em D a pedra é girada sobre seu eixo até que o extremo atrator aponte para E, e então a ilha será levada obliquamente para E; sendo então a pedra girada até seu eixo apontar na posição $E\ F$, com a ponta repulsora para baixo, a ilha subirá obliquamente para F, onde, dirigindo o extremo atrator para G, a ilha será levada até G, e de G para H, girando-se a pedra até que seu extremo repulsor aponte diretamente para baixo. E assim, mudando-se a situação do magneto tantas vezes quanto oportuno, a ilha será induzida a subir e descer por turnos numa direção oblíqua; e por estas subidas e descidas alternadas (cuja obliquidade não é muito grande) ela é conduzida de uma parte a outra do domínio.

Mas devemos notar que esta ilha não pode se mover além dos limites do Reino abaixo; nem pode subir acima da altitude de quatro milhas. Para o que os astrônomos (que escreveram imensos tratados sobre o magneto) fornecem a seguinte explicação: que a virtude magnética não se estende além de quatro milhas, e que o mineral que age sobre o magneto, nas profundezas da terra, e debaixo do mar até seis léguas da costa, não está difundido sobre todo o globo terrestre, mas termina nos limites dos domínios do Rei. E foi fácil a este, com a vantagem fornecida por essa situação superior, estender seu poder a toda a região que estava ao alcance da atração do magneto.

Quando o magneto é disposto paralelo ao plano do horizonte, a ilha fica imóvel; pois nesse caso, estando suas extremidades a igual distância do solo, elas agem com igual força, uma puxando para baixo, e a outra empurrando para o alto; e assim nenhum movimento ocorre.

Esta pedra magnética está sob os cuidados de certos astrônomos, que de quando em quando a movem conforme os desejos do Monarca. Eles passam a maior parte de suas vidas observando os corpos celestes, o que eles fazem com o auxílio de lunetas, que muito superam as nossas em qualidade. Pois, apesar de seus telescópios não passarem de três pés, eles ampliam muito mais do que os nossos de cem pés, e mostram as estrelas com maior nitidez. Esta vantagem lhes permitiu estender suas descobertas muito além das de nossos astrônomos na Europa. Eles compilaram um catálogo de dez mil estrelas fixas, enquanto que o maior dos nossos não chega a um terço desse número. Eles também descobriram duas estrelas menores, ou satélites, que giram em torno de Marte; das quais a mais interna dista do centro do planeta primário exatamente três de seus diâmetros, e a mais externa cinco. A primeira revolve no período de dez horas, e a segunda em vinte e uma horas e meia; de modo que os quadrados de seus tempos periódicos estão quase que exatamente em proporção aos cubos de suas distâncias ao centro de Marte; o que obviamente mostra que elas são governadas pela mesma lei da gravitação que influencia os demais corpos celestes.

Eles observaram noventa e três cometas distintos, e determinaram seus períodos com grande precisão. Se isto for verdade (e eles o afirmam com grande convicção), é de se desejar que suas observações sejam tornadas públicas, a fim de que a ciência dos cometas, que hoje é ainda manca e defeituosa, possa ser conduzida ao mesmo nível de perfeição que as outras partes da Astronomia.

[...]

Se alguma cidade vier a se levantar em revolta ou motim, ou tornar-se abrigo de facções violentas, ou se recusar a pagar os tributos de praxe,o Rei tem duas maneiras de forçá-los à obediência. O primeiro e mais suave é manter a ilha flutuando sobre a cidade, privando-a assim de sol e chuva, e por conseguinte afligindo os habitantes com carestia e doenças. E, se o crime o merecer, eles serão também bombardeados com grandes rochas, contra as quais eles não têm defesa, exceto tomando refúgio em porões e cavernas, enquanto que os telhados de suas casas são despedaçados. Mas se eles continuarem obstinados, ou tentarem espalhar a insurreição, o Rei passará ao remédio mais drástico, baixando a ilha sobre a cidade, com a destruição universal de casas e homens. Entretanto, esta é uma medida extrema à qual o Soberano raramente precisa recorrer, e na verdade nem ele teria ânimo de tomar, nem seus ministros o aconselhariam a tal ato; pois não só o tornaria odioso perante a população, mas causaria grandes danos às suas próprias posses, que estão todas em terra.

Mas há ainda uma razão mais forte, pela qual os Reis desta terra sempre foram avessos a executar tal ato terrível, exceto em caso de necessidade absoluta. Pois caso a aldeia a ser destruída tenha em seu meio grandes rochedos, como soe haver em grandes cidades, talvez de propósito para evitar tal catástrofe; ou se ela tiver muitas torres e pilares de pedra, uma descida rápida da ilha poria em risco a base da ilha; que apesar de consistir como eu disse numa única placa de adamante, de duzentas jardas de espessura, poderia partir-se sob o choque; ou estalar ao se aproximar dos fogos das casas, como ocorre tanto com ferro quanto com pedra nas nossas lareiras. Disso as pessoas estão bem cientes, e sabem até onde podem levar sua teimosia, quando sua liberdade e propriedade estão em jogo. E o Rei, quando a provocação o leva por fim a esmagar uma cidade, ordena que a ilha seja baixada com grande delicadeza: ostensivamente por compaixão de seu povo, mas na verdade por medo de danificar a base adamantina; com o que, na opinião de todos seus filósofos, o magneto seria incapaz de sustentar a ilha, e a massa toda se espatifaria no chão.

(Cerca de três anos antes da minha chegada à ilha, durante uma inspeção que o Rei fazia de seus domínios, ocorreu um incidente extraordinário que poderia ter marcado o fim daquela monarquia, pelo menos na sua presente forma. Lindalino, a segunda maior cidade do Reino, foi a primeira a ser visitada pelo Rei em seu périplo. Três dias depois de sua partida, os habitantes, que se haviam queixado muitas vezes da opressão que sofriam, fecharam as portas da cidade, sequestraram o Governador, e com incrível velocidade e diligência ergueram quatro torre maciças, uma em cada canto da cidade (que é um quadrado perfeito), iguais em altura a um rochedo íngreme que fica no centro da cidade. No topo de cada torre, assim como do rochedo, eles fixaram uma grande pedra magnética, e, para o caso de seus planos falharem, juntaram uma grande quantidade de materiais combustíveis, esperando com isso partir a base adamantina da ilha.

Passaram-se oito meses antes do Rei ter notícias confiáveis de que os Lindalinianos estavam em revolta. Ele ordenou então que a ilha fosse estacionada sobre a cidade. Os habitantes mantiveram-se firmes, pois haviam feito grandes estoques de víveres, e um rio corria através da cidade. Depois de privá-los de sol e chuva por vários dias, o Rei ordenou que fossem baixados cestos para receber as petições dos insurgentes. Mas estes enviaram em vez disso exigências descabidas, reparações por todas as suas queixas, imunidade ampla, a liberdade de escolher seu próprio governador, e outras exorbitâncias do gênero. O Rei então ordenou que grandes rochas fossem lançadas sobre a cidade, do terraço mais baixo; mas os cidadãos haviam previsto essa decisão, e tinham posto todos seus pertences e pessoas ao abrigo das quatro torres, de outros prédios resistentes, e de criptas subterrâneas.

O Rei, agora decidido a subjugar esse povo orgulhoso, ordenou que a ilha descesse gradualmente até quarenta jardas do topo das torres e do rochedo. Assim foi feito; mas os oficiais encarregados dessa tarefa notaram que a descida tinha sido bem mais rápida que o normal, e girando o magneto não conseguiam equilibrar a ilha numa posição firme, e se deram conta de que ela estava começando a tombar. Enviaram ao Rei imediatamente aviso deste evento preocupante, e solicitaram permissão para levantar a ilha. O Rei consentiu; um conselho geral foi convocado, e os oficiais do magneto foram chamados a participar. Um dos mais idosos e capazes dentre eles obteve permissão para realizar um experimento. Tomou uma linha forte de umas cem jardas, e, tendo a ilha se posicionado acima da cidade, fora do alcance da atração misteriosa, fixou à linha um bloco de adamante que tinha em si uma mistura de mineral de ferro, semelhante ao material da base da ilha, e desceu esse bloco aos poucos, na direção das torres. Nem tinha o diamante descido quatro jardas, que o oficial sentiu-o atraído tão fortemente, e mal conseguiu trazê-lo de volta. Ele então deixou cair vários fragmentos de adamante, e notou que todos eram violentamente atraídos para o topo da torre. O mesmo experimento foi feito com as outras três torres, e com o rochedo central, com o mesmo resultado.

Este novo fato desarmou completamente as opções do Rei, e — para encurtar a história — ele não teve outra escolha a não ser a aceitar as demandas da cidade. Asseverou-me um grande Ministro que, se a ilha tivesse descido um pouco mais perto da cidade, ao ponto de não poder mais se levantar, os cidadãos teriam sem dúvida acabado com ela de vez, assassinado o Rei e todos seus servos, e mudado radicalmente o governo.)

Por força de uma lei fundamental do reino, nem o Rei, nem qualquer de seus filhos mais velhos, tem permissão para deixar a ilha; e nem a Rainha, enquanto ela puder ter filhos.

CAPÍTULO IV

O autor deixa Laputa, é conduzido a Balnibarbi, e chega à metrópole. Descrição da cidade e das terras ao redor. Recebido por um grande Senhor. Conversação com esse Senhor.

APESAR DE não poder dizer que fui mal tratado na ilha, devo confessar que me senti muito negligenciado, e não sem uma ponta de desprezo. Pois nem o Soberano nem os cidadãos pareciam ter curiosidade sobre qualquer assunto que não fosse matemática ou música, nas quais eu lhes era muito inferior, e por tal tido pouco em conta.

Por outro lado, depois de ter visto todas as curiosidades da ilha, eu estava muito desejoso de deixá-la, estando já bastante cansado desse povo. Eles eram excelentes nessas duas ciências que respeito, e nas quais não sou de todo ignorante; mas ao mesmo tempo tão absortos e ocupados com especulações, que eu nunca tive companhia tão pouco agradável. Eu conversava apenas com mulheres, comerciantes, chocalhadores, e pagens da Corte, durante os dois meses que lá estive; pelo que tornei-me bastante vulgar aos olhos dos meus anfitriões; e no entanto essas eram as únicas pessoas de quem eu poderia receber uma resposta razoável.

Eu tinha conseguido obter, por árduos estudos, um bom grau de conhecimento da língua do país: estava cansado de estar confinado numa ilha onde gozava de tão pouca consideração; e resolvi abandoná-la na primeira oportunidade.

Havia um grande nobre na Corte, parente próximo do Rei, que por essa razão apenas era muito respeitado. Ele era considerado por todos como o mais ignorante e estúpido dentre seus pares. Havia prestado muitos e bons serviços à Coroa, e tinha muitos dons herdados e adquiridos, adornados com integridade e honra; mas um ouvido tão ruim para a música, que as más línguas diziam que ele tinha frequentemente sido visto batendo o compasso na nota errada; e nem conseguiam seus tutores, por mais que se esforçassem, ensinar-lhe a demonstrar as proposições mais fáceis da Matemática. Essa pessoa agraciou-me com vários favores, e amiúdo me deu a honra de sua visita, ávido por conhecer os acontecimentos da Europa, as leis e costumes, os modos e saberes das várias nações que eu havia conhecido. Ele me ouvia com muita atenção, e fez muitas observações sensatas sobre o que lhe contei. Ele tinha dois chocalhadores a seu serviço, por questão de protocolo; mas nunca se servia deles, exceto na Corte, e sempre os dispensava quando nos encontrávamos.

Solicitei portanto a esta pessoa ilustre que intercedesse em meu favor junto ao Rei, para que este me concedesse permissão para deixar a ilha; o que o Rei fez, disse-me, com tristeza: pois de fato ele me havia feito várias ofertas muito vantajosas, que no entanto eu recusara com protestos da mais alta gratidão.

No dia 16 de fevereiro, despedi-me de Sua Majestade e da Corte. O Rei me presenteou com um valor equivalente a duzentas libras inglesas; e meu protetor, seu parente, com outro tanto, junto com uma carta de recomendação para um amigo seu em Lagado, a metrópole. Estando então a ilha estacionada sobre uma montanha, a cerca de duas milhas da cidade, desceram-me do terraço mais baixo pelo mesmo meio em que eu havia sido içado.

O continente, até onde está sujeito ao Monarca da ilha voadora, tem o nome geral de Balnibarbi; e a metrópole, como disse acima, chama-se Lagado. Fiquei bastante satisfeito em sentir o chão sob meus pés. Caminhei até a cidade sem maiores preocupações, pois estava vestido como um dos nativos, e fluente o bastante para conversar com eles. Logo consegui encontrar a casa da pessoa a quem eu tinha sido recomendado; apresentei a carta do seu amigo, o potentado na ilha, e fui recebido com muita atenção. Este grande senhor, cujo nome era Munodi, colocou à minha disposição um apartamento na sua própria casa, onde eu permaneci pelo resto da minha estadia, e fui tratado como hóspede de honra.

Na manhã seguinte à minha chegada, ele me levou em sua charrete para conhecer a cidade; que tem metade do tamanho de Londres, mas com as casas construídas de maneira muito estranha, e a maioria delas mal conservadas. As pessoas nas ruas andavam depressa, pareciam atordoadas, com seus olhos fixos à frente, e geralmente vestidas de trapos. Saímos por uma das portas da cidade, e viajamos por cerca de três milhas campo adentro; onde vi muitos camponeses trabalhando o solo com vários tipos de ferramentas, cuja função não consegui atinar; e nem pude ver qualquer sinal de trigo ou forragem, apesar do solo parecer muito fértil. Não pude deixar de admirar essas vistas curiosas, na cidade e no campo; e por fim criei coragem de perguntar ao meu cicerone qual era a explicação para tantas cabeças, mãos e pés ocupadas, nas ruas e nos campos, porque não consegui descobrir que bons frutos eles produziam; mas, pelo contrário, eu nunca havia visto terras tão mal cultivadas, casas tão mal feitas e decrépitas, ou um povo cujas maneiras e roupas demonstrassem tanta miséria e necessidade.

Este Senhor Munodi era uma pessoa de alto nível, e outrora servira por vários anos como governador de Lagado, cargo do qual havia sido exonerado por intrigas de ministros, sob pretexto de insuficiência. Mesmo assim o Rei o tratava com afeição, como a uma pessoa bem-intencionada mas de pouco entendimento. Quando eu emiti essa crítica espontânea sobre o país e seus habitantes, ele não respondeu, exceto dizendo que eu não tinha estado por tempo suficiente entre eles para formular bom julgamento; e que cada nação do mundo tem costumes diferentes; e outras frases de mesmo jaez. Mas quando voltamos ao seu palácio, ele me perguntou o que eu achava do edifício, que absurdos eu teria observado e que queixas eu faria sobre os trajes e aparências de seus serviçais. Nisso ele não corria nenhum risco: pois tudo o que lhe dizia respeito era magnífico, perfeito e polido. Respondi que a prudência, qualidade e fortuna de Sua Excelência obviamente o haviam poupado dos defeitos que insensatez ou miséria haviam levado a outros. Ele disse, que se eu me dispusesse a ir com ele para sua casa de campo, distante cerca de vinte milhas, estaríamos mais à vontade para esse tipo de conversa. Disse a Sua Excelência que eu estava inteiramente a seu dispor; e assim partimos na manhã seguinte.

Durante a viagem, ele me fez observar os vários meios usados por fazendeiros para cuidar de suas terras; que para mim não faziam nenhum sentido. Pois em todos esses lugares não pude ver nem uma espiga de trigo, ou folha de feno. Mas, depois de três horas de viagem, o cenário mudou completamente: entramos numa região muito linda, com casas de fazendeiros a espaços regulares, bem construídas, com campos cercados contendo vinhedos, trigais, e pastagens. Não me lembro de ter jamais estado num lugar tão agradável. Sua Excelência notou que minha expressão se iluminou; e disse, com um suspiro, que neste ponto começavam seus domínios, e continuariam assim até chegarmos à sua casa. Contou que seus compatriotas o ridicularizavam e desprezavam por não conseguir gerenciar melhor suas posses, e por dar um tão mau exemplo ao Reino; no que ele estava na companhia de muito poucos, velhos, teimosos, e acomodados como ele.

Chegamos por fim à casa de campo, que era uma estrutura muito imponente, construída de acordo com as melhores regras da arquitetura clássica. As fontes, jardins, passeios, alamedas, e bosques estavam todos arranjados com perfeita inteligência e bom-gosto. Emiti os devidos louvores sobre tudo o que vi, os quais Sua Excelência ignorou, até depois do jantar; quando, não havendo mais ninguém por perto, ele me disse, com ar melancólico, que estava pensando em demolir suas casas, na cidade e no campo, para reconstruí-los à moda corrente; destruir todas as suas plantações, e organizar outras na forma que as técnicas modernas ditavam; e dar as mesmas ordens a todos os seus arrendatários, para não ser repreendido por arrogância, esquisitice, afetação, ignorância, ou veleidade; ou mesmo incorrer em maior desaprovação por parte de Sua Majestade.

A surpresa que eu manifestava, disse, cessaria ou diminuiria quando eu estivesse a par de certos detalhes, que eu provavelmente não tinha ouvido na Corte, uma vez que aquela gente estava por demais absorta em suas especulações, para se dar conta do que acontecia aqui em baixo.

O resumo de sua narrativa é como segue. Uns quarenta anos antes, certas pessoas subiram à ilha de Laputa, para negócios ou por diversão; e passado um intervalo de cinco meses voltaram ao continente com umas pequenas pinceladas de matemática, mas inflados pelos vapores voláteis absorvidos naquela região aérea. Essas pessoas começaram então a criticar a maneira com que tudo era feito aqui em baixo; e fizeram planos para reconstruir todos os ofícios, ciências, línguas e técnicas sobre novos fundamentos. Para esse fim eles providenciaram um Mandato Real encarregando-os de formar uma Academia de PROJETORES em Lagado; e a idéia foi tão bem recebida pelo governo, que não há nenhuma cidade de alguma importância no Reino sem uma tal Academia. Nesses Colégios, os Professores ficam inventando novas regras e métodos para arquitetura e construção, e novas ferramentas para todos os ofícios e manufaturas, com as quais, segundo eles pretendem, um homem faria o trabalho de dez; um palácio poderia ser construído numa semana, de materiais tão resistentes que duraria para sempre sem manutenção. Todos os frutos da terra amadureceriam em qualquer estação que nos conviesse escolher, e aumentariam cem vezes sobre seu rendimento presente; com inúmeras outras propostas maravilhosas. O único inconveniente é que nenhum desses projetos foi ainda aperfeiçoado; e, enquanto isso, o país todo está miseravelmente desolado, as casas em ruínas, e o povo sem comida nem roupas. Estes fatos, ao invés de desencorajá-los, faz com que eles se empenhem nos seus esquemas com cinquenta vezes mais energia, propelidos em igual medida pela esperança e pelo desespero. Quanto a ele próprio, não sendo de índole empreendedora, ele se contentava de continuar da maneira antiga; viver nas casas que seus antepassados construíram, e fazer em todos os aspectos da vida como eles faziam, sem inovações. Alguns outros nobres e cavalheiros, poucos, tinham tomado o mesmo caminho; mas eram recebidos com olhares de desprezo e reprovação, como inimigos da indústria, ignorantes e maus cidadãos, priorizando sua comodidade e preguiça acima do bem-estar do País.

Sua Senhoria disse então que não queria se delongar no assunto, para não estragar o prazer que eu certamente teria em visitar a Academia principal, uma visita que eu não deveria absolutamente deixar de fazer. Apenas pediu que eu observasse um prédio em ruínas na encosta da montanha, a umas três milhas de distância, sobre o qual me contou a seguinte história. Ele antigamente possuía um moinho, muito conveniente, a meia milha de sua mansão, alimentado pela correnteza de um grande rio, e suficiente para sua família bem como para um grande número de arrendatários. Mas, havia cerca de sete anos, uma equipe desses projetores veio procurá-lo com uma proposta de destruir seu moinho, e construir outro na encosta da montanha, na qual seria escavado um longo canal e um reservatório de água, a ser alimentado por meio de canos e bombas, para acionar o moinho: pois que os ventos e ares das alturas deveriam agitar a água e assim torná-la mais propícia ao movimento; e, tendo a água que descer a encosta, poderia fazer girar o moinho com metade da correnteza de um rio de curso mais plano. Disse-me ele que, estando em má situação perante a Corte, e pressionado por muitos de seus amigos, por fim concordou com a proposta; e, depois de empregar uma centena de homens por dois anos, o projeto desandou; e os projetores foram embora, colocando toda a culpa nele; sendo que desde esse incidente não lhe poupam invectivas, e continuam tentando o mesmo plano com outros, com as mesmas garantias de sucesso, bem como com o mesmo desapontamento.

Poucos dias depois, voltamos à cidade; e Sua Excelência, levando em conta à má fama de que gozava na Academia, desculpou-se por não me conduzir lá em pessoa, mas recomendou-me a um amigo seu que me fizesse companhia na visita. Meu anfitrião apresentou-me como um grande admirador de projetos, e uma pessoa de grande curiosidade e credulidade; o que até certo ponto era verdade, pois eu também tinha sido uma espécie de projetor na minha juventude.

CAPÍTULO V

O autor visita a grande Academia em Lagado. Descrição geral da Academia. As várias artes de que os professores se ocupam.

A TAL ACADEMIA não é um único edifício, mas uma continuação de vários prédios nos dois lados de uma rua; que, estando abandonados, haviam sido comprados e empregados para tal fim. Fui recebido muito amavelmente pelo Guardião, e passei vários dias na Academia. Em cada sala havia um ou mais projetores; e eu acredito que não visitei menos do que quinhentas salas.

A primeira pessoa que visitei tinha um aspecto bastante miserável, com mãos e face sujas de fuligem, cabelo e barba longos e desgrenhados, e chamuscados em alguns lugares. Suas roupas, camisa, e pele eram todas da mesma cor. Ele estava trabalhando há oito anos num projeto para extrair raios de sol de pepinos, que seriam colocados em ampolas hermeticamente seladas, e liberados para aquecer o ar nos invernos rigorosos. Ele me garantiu que sem dúvida dentro de mais oito anos ele seria capaz de suprir as hortas e jardins do Governador com luz do sol a um custo razoável; mas queixou-se de que seus estoques estavam baixos, e perguntou se eu não poderia lhe dar algo a título de incentivo à engenhosidade, especialmente considerando-se que a última estação não tinha sido muito favorável aos pepinos. Dei-lhe um pequeno presente; felizmente meu anfitrião havia-me provido de algum dinheiro para esse fim, pois ele conhecia o hábito dos projetores de pedir esmola a todos os que os visitavam.

Passei a outra sala, mas recuei imediatamente, sufocado por um fedor horrível. Meu cicerone me obrigou a entrar assim mesmo, sussurrando no meu ouvido para não ser impolido, pois isso causaria grande ressentimento; e portanto não pude nem tampar meu nariz. O projetor deste cubículo era o mais antigo estudioso da Academia. Sua face e barba tinham um tom amarelado; suas roupas estavam manchadas com sujeira repelente. Quando lhe fui apresentado, ele me deu um abraço apertado (uma gentileza que eu teria dispensado de bom grado). Sua ocupação, desde que se juntara à Academia, era um método para reduzir excremento humano ao alimento original — por separação de seus vários componentes, remoção da tintura fornecida pela vesícula, evaporação do cheiro, e decantação da saliva. Para tal fim ele recebia uma contribuição mensal da Sociedade, consistindo de um tanque cheio de dejetos humanos, do tamanho de uma barrica grande.

Vi outro ocupado em transformar gelo em pólvora pela aplicação de calor intenso; e que me mostrou também um tratado sobre a maleabilidade do fogo, que ele pretendia publicar.

Havia um arquiteto muito engenhoso, que concebeu um novo método para construir casas, começando pelo telhado, e descendo daí até a fundação; que ele justificava com o exemplo de dois insetos eminentemente sensatos, a abelha e a aranha.

Havia um homem cego de nascença, que tinha vários aprendizes com a mesma condição: cuja atividade era misturar cores para pintura, que o mestre lhes ensinava a distinguir pelo tato e pelo cheiro. Foi uma infelicidade encontrá-los num momento em que eles ainda não tinham aprendido bem suas lições; se bem que o próprio mestre parecia estar quase sempre enganado. Este artífice é muito encorajado e estimado por toda a fraternidade.

Em outro apartamento tive o prazer de conhecer outro projetor, que havia encontrado um meio de arar o chão com porcos, economizando assim os custos de arado, bois, e mão de obra. O método é o seguinte: num acre de terra planta-se a cada seis polegadas de distância, e oito polegadas de profundidade, um certo número de avelãs, tâmaras, nozes, e outros frutos e guloseimas que a estes animais apetecem; então soltam-se uns seiscentos ou mais deles no campo, onde em poucos dias eles revirarão completamente o solo em busca de seu alimento, tornando-o assim propício à lavoura, e ao mesmo tempo adubando-o com seu esterco. É verdade que, em experimentos, os projetores observaram que o custo e trabalho eram muito maiores, e a safra pouca ou nenhuma. Entretanto, não há dúvida de que esta invenção é passível de muita melhoria.

Passei então a outra sala, onde as paredes e teto estavam todas cobertas de teias de aranha, exceto por uma passagem estreita por onde o projetor entrava e saía. Logo que apareci na porta, um grito me avisou para não tocar nas teias. O ocupante da sala me fez então ver o trágico engano que o mundo cometeu ao escolher os bichos-da-seda, quando havia tantos insetos domésticos que são infinitamente superiores àqueles, pois não apenas sabem fiar mas também tecer. E mais ainda, ele argumentou que, com o uso de aranhas, o custo de tingir os fios poderia ser inteiramente poupado; do que fiquei plenamente convencido, quando ele me mostrou uma grande coleção de moscas, de cores maravilhosas, com as quais ele alimentava suas aranhas, assegurando-me que as teias tomariam a cor delas. E, dispondo de moscas de todas cores, ele esperava satisfazer todos os gostos; faltando apenas encontrar um alimento adequado para as moscas, incluindo certas gomas, óleos, e outras matérias glutinosas, que desse maior resistência e consistência ao fio.

Havia um astrônomo que empreendera instalar um relógio de sol no grande catavento que ornava a torre do Palácio Municipal, com um dispositivo engenhoso que ajustava as escalas do mesmo, onde se registravam os movimentos da Terra e do Sol, capaz de detectar e compensar as mudanças de direção do vento.

Tendo eu me queixado de um pequeno acesso de cólicas, meu cicerone conduziu-me até uma sala onde trabalhava um grande médico, que era famoso pelo seu modo de curar essa doença por operações contrárias de um mesmo instrumento. Este era um grande fole, com um bico longo e estreito feito de marfim; que ele introduzia oito polegadas adentro pelo ânus, e, sugando o vento das entranhas, garantia tornar as mesmas tão enxutas quanto uma bexiga seca. Mas quando a doença era mais teimosa e violenta, ele introduzia o fole depois de enchê-lo de ar, que então descarregava dentro do corpo do paciente; e então retirava o instrumento para reenchê-lo, tampando com o polegar o orifício fundamental; e tendo repetido esta operação três ou quatro vezes, deixava o vento sair vigorosamente, arrastando consigo os materiais nocivos (como água impulsionada por uma bomba), curando assim o paciente. Assisti demonstrações dos dois métodos sobre um cachorro; não consegui perceber qualquer efeito do primeiro, mas, depois do segundo, o animal estava quase explodindo, e a descarga foi extremamente violenta e ofensiva a mim e meu companheiro. O cachorro morreu na hora, e nós saímos da sala, deixando o doutor ocupado em tentar reanimá-lo pelo mesmo método.

Visitei muitos outros apartamentos, mas não vou incomodar meu Leitor com todas as curiosidades que observei, por respeito à brevidade.

Até então eu havia visitado apenas um dos lados da Academia, sendo que o outro era ocupado pelo avançadores de saber especulativo, dos quais eu passarei a falar depois de mencionar apenas mais uma pessoa, que é chamado entre eles de artista universal. Contou-nos ele que há mais de trinta anos estava dedicando sua mente à melhoria da vida humana. Ele tinha duas grandes salas cheias de curiosidades maravilhosas, e cinquenta homens trabalhando para si. Alguns estavam condensando o ar numa substância seca tangível, pela extração do azoto e percolação das partículas fluidas ou aquosas; outros amaciando o mármore para uso em almofadas e porta-alfinetes; outros petrificando os cascos de cavalos para firmar melhor as ferraduras. O artista em pessoa estava ocupado com dois grandes planos: o primeiro, semear os campos com joio, no qual estava a verdadeira essência seminal, segundo ele me demonstrou por experimentos que eu não tive a capacidade de entender. O outro era, pela aplicação externa de uma certa mistura de gomas, minerais, e vegetais, impedir o crescimento da lã em carneiros; e ele esperava em breve difundir sua raça de carneiros pelados por todo o Reino.

Atravessamos então a viela até a outra metade da Academia, onde, como já disse, residiam os projetores em saber especulativo.

O primeiro professor que vi estava numa sala muito ampla, com quarenta estudantes à sua volta. Após as apresentações, notando que eu observava com interesse uma armação que ocupava a maior parte da largura e comprimento da sala, disse que eu provavelmente estava intrigado com sua idéia de aprimorar o conhecimento especulativo por meio de operações práticas e mecânicas. Mas o mundo logo se sensibilizaria sobre a utilidade desse aparato, e acrescentou, convencido, que nunca uma idéia tão nobre e exaltada havia surgido numa mente humana. Todos sabem como são penosos os meios ordinários para adquirir artes e ciências; enquanto que, com seu dispositivo, mesmo a pessoa mais ignorante, com um custo módico e um pouco de trabalho braçal, poderia escrever livros em filosofia, poesia, política, lei, matemática e teologia, sem a menor necessidade de inteligência ou estudo. Ele então me conduziu para perto da armação, enquanto os estudantes se dispunham em fileiras à volta da mesma. Ela era um quadrado de vinte pés de lado, colocado no meio da sala. A superfície era formada por inúmeros blocos de madeira, aproximadamente do tamanho de dados de jogar, mas alguns maiores que os outros. Estas peças estavam cobertas em todos os lados com quadrados de papel colados, e nesses papéis estavam escritas todas as palavras da língua deles, em todos seus modos, tempos, e declinações, mas sem nenhuma ordem. O professor pediu-me então para observar, pois ele iria por o engenho para trabalhar. Cada um dos alunos, a seu comando, pegou uma manivela de ferro, das quais havia quarenta dispostas em toda volta da armação, e deu-lhe uma volta rápida, com o que o arranjo das palavras mudou completamente. Ele então mandou que trinta e seis dos rapazes lessem em silêncio as linhas, na ordem em que elas apareciam na máquina; e quando eles encontrassem trés ou quatro palavras juntas que poderiam ser parte de uma sentença, as ditassem aos quatro alunos restantes, que serviam de escribas. Este trabalho foi repetido três ou quatro vezes, e em cada virada o engenho era feito de tal maneira que as palavras se moviam para novas posições, e os blocos mostravam novas faces.

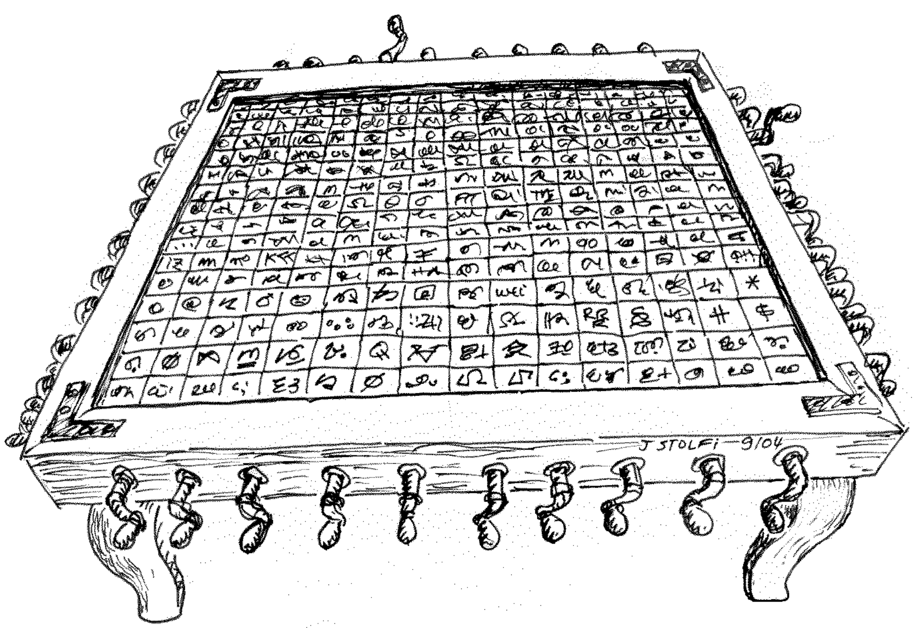

Figura V.

Durante seis horas por dia os estudantes se dedicavam a esta tarefa, e o professor mostrou-me vários volumes *in folio* já preenchidos com sentenças incompletas que ele planejava emendar, e, desse riquíssimo material, dar ao mundo um edifício completo das artes e ciências; que entretanto poderia ser muito melhorado, se o governo criasse um fundo para construir e operar quinhentas dessas máquinas em Lagado, e obrigasse os respectivos operadores a compartilhar as respectivas produções. Afiançou-me que esta invenção havia-lhe ocupado o pensamento desde a juventude, que havia incluído nela todo o vocabulário da língua, e calculado estritamente as proporções que há nos livros entre os números de partículas, substantivos, verbos, e outras partes da fala.

Declarei humildemente minha admiração a esta pessoa ilustre pela sua grande habilidade, e prometi que, se algum dia eu tivesse a ventura de retornar à minha terra natal, far-lhe-ia toda justiça anunciando-o como único inventor desta máquina maravilhosa; cuja forma e estrutura eu pedi licença para registrar em papel, como na figura aqui anexa. Disse-lhe que, apesar de ser o hábito de nossos sábios na Europa roubar as invenções uns dos outros, o que pelo menos tinha a vantagem de criar uma controvérsia sobre quem seria o legítimo dono, eu tomaria todo cuidado para que ele recebesse o mérito inteiro, sem nenhum rival.

Fomos em seguida à Escola de Línguas, onde três professores estavam debatendo sobre como melhorar a de seu país.

O primeiro projeto era encurtar o discurso reduzindo todos os polissílabos a uma sílaba, e omitindo todos os verbos e particípios, pois afinal todas as coisas que podem ser imaginadas são apenas substantivos.

O outro era um esquema para abolir completamente todas as palavras de qualquer tipo; e este era alardeado como um grande benefício para a saúde, além de economia de tempo. Pois é evidente que cada palavra que emitimos causa certo desgaste prejudicial aos pulmões, e portanto contribui para o encurtamento de nossas vidas. Segundo a proposta, uma vez que palavras não passam de nomes para objetos, nada seria mais conveniente do que se as pessoas carregassem consigo os objetos necessários para exprimir os conceitos sobre os quais elas planejassem conversar. Esta idéia teria sem dúvida tido sucesso, se as mulheres, juntamente com os vulgares e ignorantes, não tivessem ameaçado uma rebelião, a menos que tivessem a liberdade de falar com suas línguas, à maneira de seus antepassados; pois a Ciência não tem inimigos mais constantes e ferrenhos do que o povo miúdo. Entretanto, muitos dentre os homens mais sábios e eruditos adotaram este novo método de se comunicar por meio de objetos; que tem apenas este inconveniente, caso os negócios de alguém sejam inúmeros e de natureza variada, ele terá que carregar um pacote proporcionalmente maior nas costas, a menos que disponha de um ou dois serviçais robustos. Observei diversas vezes dois desses sábios quase afundando sob o peso de suas mochilas, como nossos mascates; que, ao se encontrar na rua, depositam seus fardos, desfazem os embrulhos, e trocam conversa por uma hora ou mais; e então guardam novamente seus apetrechos, ajudam-se mutuamente a colocar os fardos nas costas, e prosseguem seu caminho.

Porém, para conversas curtas, uma pessoa pode muito bem carregar todos os objetos necessários nos bolsos ou debaixo do braço, e dentro de casa certamente não passará necessidade; tanto mais que a sala onde as pessoas se reúnem para praticar esta arte está normalmente equipada com todos os objetos necessários, ao alcance da mão.

Outra grande vantagem apresentada por esta invenção, é que ela serviria como uma língua universal, entendível por todas as nações, cujos implementos são geralmente da mesma espécie, ou muito parecidos, de modo que seus usos podem ser facilmente compreendidos. Assim, embaixadores estariam capacitados a tratar mesmo com soberanos e ministros de estado cujas línguas lhes são completamente estranhas.

Estive na Escola de Matemática, onde um Mestre ensinava seus alunos por um método que nós da Europa nunca poderíamos imaginar. A proposição ou demonstração é escrita com cuidado num biscoito bem fino, com uma tinta composta de uma essência cefálica. Este biscoito o estudante deve engolir em jejum, e nos três dias seguintes ele não deve ingerir nada exceto pão e água. À medida que o biscoito é digerido, a essência sobe até o cérebro, carregando consigo a demonstração. Mas o sucesso ainda não havia sido alcançado, em parte devido a algum erro de dosagem na composição da tinta, e em parte pela malandragem dos alunos, a quem o gosto desse preparado é tão revoltante que eles em geral o põem para fora, escondidos, antes que ele tenha tempo de surtir efeito; sem contar que é impossível obrigá-los a respeitar a abstinência exigida pela fórmula.

CAPÍTULO VI

Mais relatos sobre a Academia. Sugestões do autor são bem recebidas.

MINHA VISITA à Escola dos projetores políticos foi muito desagradável, pois, na minha opinião, seus professores tinham perdido completamente o juízo — uma cena que nunca deixa de me entristecer. Esses infelizes estavam desenvolvendo métodos para convencer Monarcas a escolher seus auxiliares com base na sua sabedoria, competência, e virtude; para induzir ministros a pensar sempre no bem do povo; para recompensar mérito, habilidade, e serviços eminentes; para ensinar a príncipes que seu interesse está na mesma fundação que o de seus povos; para preencher cargos com pessoas qualificadas a exercê-los; e com muitas outras quimeras absurdas e impossíveis que ninguém nunca teria sido capaz de imaginar — o que confirmou em mim a velha observação, de que não há nada tão extravagante e irracional que não existam filósofos que o tenham postulado como verdade.

Mas, para fazer justiça a esta parte da academia, devo admitir nem todos eram tão alucinados. Havia um doutor engenhoso, que parecia ser bom conhecedor da natureza e sistema dos Governos. Esta pessoa ilustre tinha dedicado produtivamente seus estudos a encontrar remédios eficazes para todas as doenças e corrupções que afetam a administração pública, por causa dos vícios ou enfermidades dos que governam, bem como das licenciosidades dos que devem obedecer. Ora pois: uma vez que todos os escritores e pensadores concordaram que há uma semelhança universal e estrita entre o corpo natural e o corpo político, pode haver algo mais evidente que a necessidade de preservar a saúde de ambos, e as doenças serem curadas pelas mesmas receitas? Sabe-se que Senados e outros grandes Conselhos são amiúdo afligidos por humores redundantes, efervescentes, e de outro modo aberrantes, bem como por muitas doenças da cabeça, e mais ainda do coração; por convulsões violentas, por contrações dolorosas dos nervos e tendões das duas mãos, mas especialmente da direita; com opilação, flatulência, vertigens e delírios; com tumores infectos cheios de matéria fétida e purulenta; com arrotos espumejantes, com apetites caninos e digestão difícil, além de muitos outros que é desnecessário mencionar. Este doutor portanto propôs que, sempre que começar uma nova sessão do Senado, um punhado de médicos participe das reuniões durante os três primeiros dias, e, ao final dos debates de cada dia, tomem o pulso de cada senador; depois do que, tendo ponderado com cuidado e discutido a natureza das doenças, e os meios de cura, retornem no quarto dia ao Senado junto com seus boticários munidos dos remédios apropriados, e, antes que os senadores iniciem os debates, administrem a cada um os lenitivos, aperitivos, abstersivos, corrosivos, restringentes, paliativos, laxativos, cefalálgicos, ictéricos, apoflegmáticos ou acústicos, conforme cada caso exigir; e, conforme o efeito que esses remédios venham a ter, repitam, alterem, ou omitam o tratamento no dia seguinte.

Este projeto teria custo modesto para os cofres públicos, e, na minha opinião, seria muito útil naqueles países onde o Senado participa do Poder Legislativo; pois favoreceria unanimidade, encurtaria debates, abriria algumas bocas que estão fechadas, e fecharia muitas mais que estão abertas; reduziria a petulância dos jovens, e corrigiria a arrogância dos velhos; animaria os inertes, e sossegaria os impertinentes.

Além disso, sendo queixa geral que os favoritos de Soberanos costumam ter memória fraca, esse mesmo médico propôs que o cidadão que for procurar um Primeiro-Ministro, depois de comunicar seu pedido da maneira mais breve e simples possível, ao se despedir dê ao Ministro uma torcida de nariz ou um pontapé na barriga, ou pise nos seus calos, ou levante-o pelas orelhas, ou enfie um alfinete no seu traseiro, ou belisque seu braço com força, a fim de gravar o pedido na sua memória; e em cada audiência sucessiva repita o mesmo tratamento, até que a petição seja atendida ou terminantemente negada.

O doutor também aconselhou que todo senador no conselho de uma nação, depois de emitir sua opinião, e argumentar em defesa da mesma, seja obrigado a votar contra ela; porque se todos fizessem isso, o resultado infalivelmente seria benéfico para o povo.

Para quando o Estado for ameaçado por dissenções violentas entre partidos, ele ofereceu uma invenção maravilhosa para reconciliá-los. O método é este. Tome uma centena de líderes de cada partido, e disponha-os aos pares tais que as cabeças tenham aproximadamente o mesmo tamanho; então faça com que dois cirurgiões serrem os crânios de cada par ao mesmo tempo, de modo que os cérebros sejam divididos equitativamente. Troquem-se então os occipúcios assim serrados, afixando cada um à cabeça do líder oposto. Parece que esta operação exige um certo grau de precisão, mas o professor me assegurou que, se ela for feita com perícia, a cura será infalível. Pois ele argumentou assim: que as duas metades do cérebro, estando livres para debater o assunto entre si dentro de um único crânio, devem chegar rapidamente a um acordo, e produzir aquela moderação, bem como clareza de pensamento, que é tão desejável nas cabeças daqueles que acreditam que vieram a este mundo apenas para analisar e governar seu percurso. A respeito de eventuais diferenças de quantidade e qualidade entre os cérebros daqueles que dirigem facções políticas, o doutor me garantiu, com conhecimento de causa, que elas são absolutamente ínfimas.

Eu assisti a um debate acalorado entre dois professores, sobre qual seria a maneira mais conveniente e eficaz de arrecadar dinheiro sem revoltar os súditos. O primeiro afirmava que o meio mais justo era criar um imposto sobre Vícios e Insensatez, sendo que o valor do mesmo seria determinado para cada homem da maneira mais justa possível, por um júri de seus vizinhos. O segundo tinha uma opinião exatamente oposta, qual seja, taxar as qualidades de corpo e espírito que cada um considera mais valiosas em si mesmo; sendo o valor proporcional ao grau de excelência dessas virtudes, conforme determinado livremente pelo próprio cidadão. A taxa maior seria aplicada a homens que se consideram favoritos do sexo oposto, a ser computada conforme o número e natureza dos favores recebidos; dos quais não será exigido nenhum comprovante, bastando a simples declaração. Inteligência, coragem, e polidez seriam taxadas e avaliadas da mesma forma. Já honra, justiça, sabedoria, e conhecimento, elas não pagariam imposto nenhum, pois essas virtudes são de tal caráter que homem nenhum as reconhece no seu próximo, ou as considera necessárias para si mesmo.

Nessa proposta as mulheres seriam taxadas conforme sua beleza e elegância no vestir, sobre as quais elas teriam o mesmo privilégio que os homens, de determinar livremente seu montante. Mas constância, castidade, bom senso, e bom humor não seriam taxados, por a receita nunca compensaria os custos da coleta.

Para assegurar o apoio contínuo dos senadores à Coroa, foi proposto que cada cargo de confiança seja sorteado entre eles, depois que os candidatos tiverem jurado votar sempre a favor da corte, quer ganhem ou não; entrando os perdedores nos sorteio posteriores para os demais cargos. Desta forma todos conservariam suas esperanças e expectativas, ninguém reclamaria de promessas quebradas, mas colocaria toda a responsabilidade pelas suas decepções à Sorte, que tem costas mais fortes e largas do que qualquer chefe de gabinete.

Outro professor mostrou-me um manual extenso de Instruções para descobrir tramas e conspirações contra o governo. Ele aconselhava os Estadistas a examinar a dieta de todas as pessoas suspeitas; os horários de suas refeições; em que posição eles dormiam na cama; com que mão eles limpavam seus posteriores; e examinar minuciosamente seus excrementos, e pela cor, cheiro, sabor, consistência, crueza e maturidade de digestão dos mesmos, deduzir os pensamentos e objetivos dos indivíduos. Porque o homem nunca está tão sério, pensativo, e concentrado, como quando está defecando, conforme ele havia determinado em inúmeros experimentos; e em tais ocasiões, quando ele pensou, apenas a título de experiência, em assassinar o Rei, seus dejetos adquiriram um tom esverdeado, bem diferente de quando ele pensou em promover uma revolução, ou incendiar a cidade.

O texto estava escrito com grande agudeza de espírito, contendo muitas observações ao mesmo tempo curiosas e úteis a políticos, mas, no meu entender, ainda incompleto. Arrisquei-me a dizer isso ao autor, e ofereci-me para fornecer-lhe algumas adições. Ele recebeu minha proposta com mais boa-vontade do que se costuma encontrar em escritores, especialmente aqueles da espécie dos projetores, e disse que teria prazer em receber mais informação.

Contei-lhe que no Reino de Tribnia, entre os nativos chamados Langden, com os quais eu residira por longo tempo, o grosso da população consistia inteiramente de delatores, testemunhas, informantes, acusadores, promotores, vazadores, caluniadores: junto com muitos auxiliares e agentes subalternos; todos agindo por conta, mando e soldo de ministros, e seus delegados. As tramas naquele reino são geralmente obra daqueles que querem levantar sua reputação política; restaurar o vigor de uma administração desvairada; sufocar ou descarrilar descontentes; encher seus cofres com dinheiro público; levantar ou afundar a credibilidade do governo, conforme lhes for vantajoso. Uma vez acordado e decidido entre eles que pessoas serão acusadas de conspiração, eles diligentemente providenciam o confisco de todos seus papéis e cartas, e colocam seus donos a ferros. Estes papéis são confiados a uma equipe de artífices, extremamente hábeis na tarefa de encontrar o significado oculto de palavras, sílabas, e letras. Por exemplo, eles podem decifrar que uma latrina significa um conselho de notáveis; um bando de gansos, o Senado; um cachorro manco, o invasor; a peste, um exército em prontidão; um mosquito, um ministro; o pé com gota, o Sacerdote Supremo; uma forca, um Secretário de Estado; um penico, uma Comissão de Inquérito; uma peneira, uma dama da Corte; uma vassoura, uma revolução; uma ratoeira, um cargo no Ministério; um bueiro, o Tesouro Nacional; uma pia, a C—e; um chapéu de palhaço, um assessor de confiança; um talo quebrado, um Tribunal de Justiça; um barril vazio, um General; uma chaga purulenta, a Administração.

Quando este método falha, eles têm dois outros mais eficazes; que os eruditos chamam *acrósticos* e *anagramas*. Primeiro, eles podem decifrar todas as letras iniciais em significados políticos. Assim, N significaria uma trama; B, um regimento de cavalaria; L, uma frota ao mar. Ou, no segundo método, por transposição das letras do alfabeto em algum documento suspeito, eles podem descobrir os desígnios de uma pessoa descontente. Assim, por exemplo, se eu escrevesse numa carta para um amigo, *Nosso colega Tom está com hemorróidas*, um perito nessa arte descobriria que as letras que compõem essa sentença podem ser analisadas nas seguintes palavras: *Como há morte cedo no lago, resistam sós.* E este é o método anagramático.

O professor me agradeceu profusamente por comunicar-lhe estas observações, e prometeu incluir uma menção honrosa a mim no seu tratado.

Não vi nada nesse país que me convidasse a ficar por mais tempo; e comecei a pensar em voltar para a Inglaterra.

Trad. e ilus. J. Stolfi, set/2004